

**ENTRE PALAVRAS QUE PINTAM E IMAGENS QUE ESCREVEM: UMA LEITURA
ECOCRÍTICA E INTERSEMIÓTICA DE O LÓRAX, DE DR. SEUSS**

**BETWEEN WORDS THAT PAINT AND IMAGES THAT WRITE: AN ECOCRITICAL AND
INTERSEMIOTIC READING OF O LÓRAX, BY DR. SEUSS**

**ENTRE PALABRAS QUE PINTAN E IMÁGENES QUE ESCRIBEN: UNA LECTURA
ECOCRÍTICA E INTERSEMIÓTICA DE O LÓRAX, DEL DR. SEUSS**



10.56238/revgeov17n3-080

Thallyta Fernanda B. N. de Paula

Graduada em Letras Português/Espanhol

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: thallyta.paula@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3204-7564>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7821771386138741>

Josivaldo Custódio da Silva

Pós-Doutor em Teoria da Literatura

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: josivaldo.silva@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7187-5697>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3463794887444496>

José Jacinto dos Santos Filho

Doutor em Educação

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: jacinto.santos@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1197-1924>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8202202225998755>

Frederico José Machado da Silva

Doutor em Teoria da Literatura

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: frederico.jose@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7811-9621>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4677068057535979>

Rinalda Fernanda de Arruda

Doutor em Linguística

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: rinalda.arruda@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4957-3199>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7972887059539647>



Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: rosario.silvabarbosa@upe.brOrcid: <https://orcid.org/0000-0003-2285-4288>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1155142060601431>

RESUMO

Este artigo analisa a obra *O Lórax*, na versão brasileira, do renomado escritor Theodor Seuss Geisel, destacando como o narrador critica e evidencia a relação do homem com o meio natural. Em tempos recentes, devido ao aumento dos desastres ambientais e à conscientização gerada por estes eventos, diversas composições sobre questões ecológicas foram produzidas para incentivar a reflexão humana sobre suas ações, sendo *O Lórax* uma dessas obras. A análise fundamenta-se principalmente nesta teoria, com o pilar teórico de Greg Garrard (2006). Devido às linguagens imagética e verbal presentes na obra, faz-se necessária a incorporação dos estudos semióticos de Santaella e Nöth (2012) e intersemióticos de Plaza (2003), a fim de explicitar como a intersecção entre as linguagens verbal e não verbal contribui para o efeito final do texto literário, proporcionando uma interpretação mais complexa. O método de elaboração da pesquisa deu-se através de uma abordagem qualitativa de natureza básica, devido aos seus objetivos exploratórios e procedimentos bibliográficos, que envolve a leitura e embasamento de artigos e livros distintos. Por meio de suas múltiplas linguagens e mensagem objetiva, o livro torna-se passível de análise sob a ótica ecocrítica, cujo objetivo principal é revelar a relação conflituosa e desarmônica entre o homem e seu ambiente. Em suma, traz uma reflexão sobre o impacto das ações humanas na natureza, representado literariamente na obra.

Palavras-chave: *O Lórax*. Meio Ambiente. Ecocrítica. Literatura e Imagem. Intersemiótica.

ABSTRACT

This article analyzes the Brazilian version of *O Lórax* by renowned author Theodor Seuss Geisel, highlighting how the narrator criticizes and reveals the relationship between man and the natural environment. In recent times, due to the increase in environmental disasters and the awareness generated by these events, several compositions on ecological issues have been produced to encourage human reflection on their actions, with *O Lórax* being one of these works. The analysis is mainly based on this theory, with the theoretical pillar of Greg Garrard (2006). Due to the imagistic and verbal languages present in the work, it is necessary to incorporate the semiotic studies of Santaella and Nöth (2012) and the intersemiotic studies of Plaza (2003) in order to explain how the intersection between verbal and nonverbal languages contributes to the final effect of the literary text, providing a more complex interpretation. The research methodology employed a basic qualitative approach, due to its exploratory objectives and bibliographic procedures, which involve reading and substantiating various articles and books. Through its multiple languages and objective message, the book becomes amenable to analysis from an ecocritical perspective, whose main objective is to reveal the conflicting and disharmonious relationship between humankind and its environment. In short, it offers a reflection on the impact of human actions on nature, represented literarily in the work.

Keywords: *O Lórax*. Environment. Ecocriticism. Literature and Image. Intersemiotics.



RESUMEN

Este artículo analiza la obra *O Lórax*, en su versión brasileña, del reconocido escritor Theodor Seuss Geisel, destacando cómo el narrador critica y evidencia la relación del hombre con el medio natural. En tiempos recientes, debido al aumento de los desastres ambientales y la concienciación generada por estos eventos, se han producido diversas composiciones sobre cuestiones ecológicas para fomentar la reflexión humana sobre sus acciones, siendo *O Lórax* una de esas obras. El análisis se fundamenta principalmente en esta teoría, con el pilar teórico de Greg Garrard (2006). Debido a los lenguajes imagético y verbal presentes en la obra, es necesaria la incorporación de los estudios semióticos de Santaella y Nöth (2012) y los estudios intersemióticos de Plaza (2003), con el fin de explicitar cómo la intersección entre los lenguajes verbal y no verbal contribuye al efecto final del texto literario, proporcionando una interpretación más compleja. El método de elaboración de la investigación se realizó mediante un enfoque cualitativo de naturaleza básica, debido a sus objetivos exploratorios y procedimientos bibliográficos, que implican la lectura y el respaldo de artículos y libros distintos. A través de sus múltiples lenguajes y mensaje objetivo, el libro se convierte en un objeto de análisis desde la óptica ecocrítica, cuyo objetivo principal es revelar la relación conflictiva y desarmónica entre el hombre y su entorno. En resumen, presenta una reflexión sobre el impacto de las acciones humanas en la naturaleza, representado literariamente en la obra.

Palabras clave: *O Lórax*. Medio Ambiente. Ecocrítica. Literatura e Imagen. Intersemiótica.



1 INTRODUÇÃO

No contexto atual, a exploração da natureza em nome da satisfação de necessidades efêmeras tornou-se um fenômeno recorrente. No ano de 2023, por exemplo, o mundo testemunhou desastres ambientais que, até pouco tempo, seriam considerados atípicos: incêndios florestais em larga escala e elevação da temperatura nos hemisférios (OMN, 2023); além disso, de acordo com a PET Engenharia Sanitária e Ambiental (2024), a desenfreada extração mineral tem provocado impactos severos como a contaminação do solo e rios e o colapso na vida vegetal e animal. Desde então, artigos científicos e relatos sobre essas catástrofes e suas consequências ainda parecem insuficientes para impulsionar uma ação concreta da humanidade que reverta esse cenário caótico. Por este motivo, a busca por conscientização é constante e diversos meios, incluindo os midiáticos e literários, têm sido explorados para alertar sobre um futuro sombrio. Desde os primórdios, a literatura retrata a relação entre o homem e a natureza; no Arcadismo, por exemplo, várias obras enfatizavam o campo como lugar de tranquilidade e refúgio. Contudo, após a industrialização e o avanço tecnológico e mercadológico, esse enfoque mudou: agora, a literatura busca sensibilizar a racionalidade humana para as consequências de suas atitudes. Sua atuação crítica é fundamental, pois reforça seu poder de sensibilização social e de transformação.

Nesse sentido, a literatura também emerge como uma forma de expressão artística voltada para a consciência ecológica, denunciando a degradação promovida pela sociedade moderna sem se render a valores comerciais. Esta nova abordagem expõe a ganância, a corrupção e a mesquinhez humana por meio de textos poéticos que desafiam o leitor a refletir sobre os impactos ambientais da humanidade. Ao provocar tais reflexões, a literatura também contribui para um reexame profundo do pensamento humano sobre a natureza e sustentabilidade, incentivando a adesão ao movimento ecológico.

Um dos autores modernos que abordam temas da natureza em seus textos literários é Theodor Seuss Geisel, conhecido como Dr. Seuss. Em sua obra *O Lórax*, que é objeto desta pesquisa, o autor revela os efeitos da ganância humana em um cenário marcado pela industrialização e pelas suas consequências sobre a natureza e a vida das pessoas. Com imagens autênticas e coloridas e textos rimados, ele dá vida a personagens fictícios que transmitem lições valiosas sobre a preservação ambiental. O livro ensina sobre o impacto das ações humanas no ambiente e as influências dessas escolhas no futuro, enfatizando como cada ato pode desencadear consequências irreversíveis.

Conforme destacado nas notas da primeira edição bilíngue de sua tradução, o livro foi "inspirado pela revolta do autor diante da indiferença das pessoas com o meio ambiente" (Seuss, 2017, p. 77). Através da interseção entre linguagens verbal e não verbal, Dr. Seuss expõe a arrogância humana, representando-a de forma fictícia, porém verossímil, por meio das ações de seu narrador-personagem, o Erumavez. O autor ressalta o desgaste ambiental, a exploração inconsequente dos recursos naturais, a poluição do ar e das águas, além do consumo desenfreado para manter um lucro



movido pela avareza. As imagens e cores revelam contrastes marcantes entre a natureza antes (cheia de árvores, vida, harmonia entre os seres e cores vibrantes) e depois da intervenção humana (com degradação ambiental, rostos tristes, poluição e cores que evocam tristeza, saudade e luto por algo perdido). No final, a esperança de uma possível regeneração ambiental é depositada nas mãos das crianças, que ainda não foram contaminadas pela ganância que caracteriza, especialmente, o mundo dos adultos. Embora a obra seja, a princípio, destinada ao público infantojuvenil, suas lições têm ressonância para todas as idades que estejam dispostas a uma leitura crítica.

Diante disso, esta pesquisa objetiva analisar como Dr. Seuss expõe e critica a relação entre o homem e o meio ambiente por meio do personagem Erumavez e as consequências de suas ações.

Para a construção da pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, natureza básica e com objetivos exploratórios. Foram utilizadas leituras teóricas e críticas de livros e artigos científicos sobre o tema aqui tratado. No que concerne à relação entre meio ambiente e o homem, no texto literário, recorreremos à teoria ecocrítica de Garrard (2006) e ao estudo de Gifford (2009) que oferecem uma base para compreender o discurso ecocrítico na obra em questão. Garrard (2006) define a ecocrítica como uma disciplina que examina a representação da interação entre homem e natureza nos textos literários, assim como as críticas dos autores a essa relação, muitas vezes marcada por exploração e destruição. Através dessa perspectiva, serão analisados aspectos como: a natureza antes da intervenção humana, o impacto da ação humana no meio natural e as consequências dessa intervenção. Tropos como Pastoral, Gênesis e Apocalipse serão fundamentais para ilustrar a narrativa.

Dada a inter-relação entre as linguagens verbal e imagética no livro, além da teoria ecocrítica, lançamos mão da intersemiótica, com base nos estudos de Santaella (1996), Além de seus estudos juntamente com Winfried Noth (2012). Teorias de autores como, Júlio Plaza (2003) e Nikolaveja e Scott (2011) também serão exploradas. A intersemiótica examina a interação entre sistemas semióticos distintos para aprofundar a interpretação e enriquecer os significados. Por exemplo, as relações entre as imagens e versos na obra permitem uma análise mais crítica e profunda. Além disso, as cores, formas e falas dos personagens em cada página trazem significações relevantes à obra. Desta forma, analisaremos como *O Lórax*, ao denunciar a exploração ambiental, revela a ganância, a irresponsabilidade e as consequências da degradação promovida pelo homem em prol de seus próprios interesses.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ABORDAGEM “ECO-INTERSEMIÓTICA”

A partir da perspectiva deste trabalho, a análise da obra em questão exige a intersecção de duas abordagens distintas: a ecocrítica e a intersemiótica. A ecocrítica, que terá maior abrangência nesta análise, visa criticar a relação entre o ser humano e o meio natural, abordando as consequências dessa interação. A escolha dessa abordagem é, portanto, essencial para o desenvolvimento deste estudo, pois



o livro expõe a desordem ambiental provocada pelas ações exploradoras do homem.

A intersemiótica, por sua vez, é igualmente importante para esta pesquisa, dada a complexidade do livro, que une esteticamente palavras e imagens, cada uma contribuindo com sua conotatividade. Elementos como metáforas, variações nas fontes tipográficas e recursos imagéticos – incluindo cores e formas que vão além do embelezamento, cumprindo uma função sógnica de representação de determinado objeto que enriquecem a obra com significados mais críticos. Para fomentar uma análise que una a linguagem verbal às complexidades do visual, torna-se indispensável uma abordagem que esclareça os processos de tradução entre esses sistemas semióticos. Assim, a intersemiótica servirá de base para que as interpretações ecocríticas, amplamente presentes no livro, se desenvolvam com a profundidade necessária.

Em suma, a ecocrítica e intersemiótica, ainda que tenham focos teóricos distintos, complementam-se na análise da obra *O Lórax*, para que as interpretações dadas no desenvolvimento da pesquisa sejam mais amplas. Através da combinação dos elementos visuais e verbais, a mensagem ecocrítica é passada com mais intensidade.

2.1 CAMINHOS BREVES SOBRE A ECOCRÍTICA

O termo ecocrítica, também conhecido como ecocriticismo, deriva do grego *oikos* (casa, no sentido de ambiente natural/natureza) + *kritikos* (julgar/analisar). Trata-se de uma corrente literária, política e cultural que busca examinar e criticar as relações entre humanos e o mundo natural, bem como os impactos das ações humanas na natureza. A ecocrítica ganhou força na década de 1990, quando foi integrada aos currículos acadêmicos, surgindo da necessidade de conscientização ambiental e chamando atenção para a preservação e manutenção do espaço natural. Assim, discute não apenas a relação entre o ser humano e seu meio natural e cultural, mas também a reconstrução dessa relação por meio da percepção humana. De acordo com Gifford (2009, p. 244):

A ecocrítica, enquanto movimento relativamente novo nos estudos culturais, tem estado extraordinariamente livre de crítica teórica interna. Tem havido debates sobre ênfases e lacunas, mas isso não desafiou diretamente as posições de quem originou o movimento. Ao contrário, esses debates apontam para novas direções para a pesquisa em campos variados: ecofeminismo, textos tóxicos, natureza urbana, darwinismo, literaturas étnicas, justiça ambiental e ambientes virtuais, por exemplo.

Embora a crítica ecológica seja uma abordagem associada à pós-modernidade, a relação entre seres humanos e natureza não é algo exclusivo dos dias atuais. Referências ao meio ambiente estão presentes nos movimentos literários desde os primórdios, como por exemplo, os idílios bucólicos de Teócrito, no período helenístico. Outros exemplos podem ser observados no final do século XVIII até as primeiras décadas do século XIX, com o desenvolvimento do romantismo, no qual a natureza era vista como refúgio, em contrapartida ao ambiente urbano. Um exemplo disso é a famosa obra *Canção*



do *Exílio* (1843), de Gonçalves Dias. No trecho: "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá", é perceptível uma sincronia entre o eu poético e o meio natural, onde ele busca consolo, refletindo a importância da natureza em uma sociedade prestes a enfrentar significativas mudanças.

Hoje, no entanto, a ecocrítica, que evoluiu para um campo interdisciplinar, é abordada de maneira mais crítica em análises literárias que destacam especialmente o comportamento humano em relação ao meio natural como forma de denúncia. Um exemplo disso é a pastoral moderna, discutida mais adiante, apresentada por Greg Garrard (2006) em sua obra *Ecocrítica*, um dos principais fundamentos teóricos desta pesquisa. Na obra, o autor fornece definições essenciais para os estudos ecocríticos, como a de Cheryll Glotfelty, que questiona:

O que é ecocrítica então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra. (Glotfelty, 1996, p. XIX apud Garrard, 2006, p. 14).

Essa definição alinha-se com a abordagem crítica encontrada em *O Lórax*, onde se observa uma problematização ecológica pertinente ao cenário atual. A ecocrítica atua como uma lente que expande nossa percepção sobre os problemas causados ao meio natural pela intervenção humana. Contudo, ela vai além: evidencia o interior humano e suas concupiscências, que geram um desejo contínuo de exploração para satisfazer suas necessidades. Essa percepção torna-se evidente na obra à medida que o texto visual e escrito apresenta uma natureza deteriorada em consequência do desejo inicial de progresso econômico do personagem Erumavez. Por meio dos tropos, posturas e outros elementos teóricos discutidos por Garrard e outros autores, esta análise busca contribuir para o campo da ecocrítica contemporânea, explorando as atitudes humanas e suas consequências. A obra alerta que o impacto da exploração desenfreada não afeta apenas a natureza, mas também todos os seres que dela dependem. Assim, a ecocrítica não apenas revela a interação de desafeto do homem com seu meio natural, mas também “profetiza” o futuro aguardado após a destruição massiva do ambiente. Essa profecia, contudo, não é literal, mas funciona como um sino, buscando despertar a razão para evitar tamanha calamidade, como é ilustrado no tropo apocalipse (Garrard, 2006).

Garrard aborda os tropos ecocríticos, como gênese e apocalipse, que são "formas preexistentes de imaginar o lugar do ser humano na natureza que remontam a origens" (Garrard, 2006, p. 12). Inspirados no primeiro e último livro da Bíblia, os tropos Gênesis e Apocalipse representam, na obra analisada, respectivamente, a natureza em sua origem (preservada, cuidada, vibrante e serena) e a natureza após o impacto humano (degradada, sombria e à beira do colapso, caso não haja intervenção). O livro retrata esses dois momentos de forma clara através dos elementos visuais e verbais: Gênesis – quando tudo era harmônico antes da chegada do homem – e Apocalipse – a destruição da natureza



após a interferência humana. Além desses tropos, destacam-se os conceitos de pastoral clássica e moderna. A clássica, segundo Garrard (2006, p. 62),

[...] a pastoral clássica, portanto, inclinava-se a distorcer ou a mistificar a história social e ambiental, ao mesmo tempo fornecendo um locus, legitimado pela tradição, para os sentimentos de perda e alienação da natureza que seriam produzidos pela Revolução Industrial.

Esse sentimento remete à saudade do campo, de um ambiente outrora abundante, mas que, após a industrialização, já não existe. Em *O Lórax*, as consequências da industrialização são representadas pelos resquícios da exploração exacerbada. A obra retrata o distanciamento entre cidade e campo, alinhando-se à tradição pastoral clássica ao evidenciar a “distinção temporal entre passado (idílico) e presente (‘decaído’)” (GARRARD, 2006). Essa mesma pastoral é marcada pela harmonia entre elementos naturais e personagens pastoris, exemplificada na relação entre o personagem Lórax e os animais com o seu habitat.

Dois conceitos associados à pastoral clássica que aparecem na obra são a “elegia”, aonde o personagem “volta o olhar para um passado desaparecido, com um sentimento de saudade” (GARRARD, 2006, p. 60), e a “utopia”, onde ele “almeja um futuro remido” (GARRARD, 2006, p. 60). Ambos refletem o sentimento de Erumavez, que lamenta a destruição causada e vislumbra uma possibilidade de regeneração.

Utilizada como crítica às relações entre humanos e o mundo natural, a pastoral moderna é marcante em obras contemporâneas como *O Lórax*. O autor articula uma crítica contundente às formas de exploração de recursos naturais, convidando o leitor a refletir sobre suas atitudes.

Outros conceitos relevantes na ecocrítica, como poluição, reforçam as mensagens centrais da obra. Segundo Merchant (1990 apud Garrard, 2006, p. 21), “a natureza foi reconstituída como morta e passiva, a ser dominada e controlada pelos seres humanos” e complementa: “o tropo da ‘poluição’ está historicamente implicado na destruição e na salvação do meio ambiente.” Em *O Lórax*, desde o início, o cenário remete ao caos, mas ao final a obra transmite uma mensagem de esperança voltada ao público infantojuvenil, reforçando a ideia de salvação.

Kerridge (1998 apud Garrard, 2006, p. 15) sintetiza o papel do ecocrítico: “[...] almeja rastrear as ideias e representações ambientalistas onde quer que elas apareçam [...], avaliando textos e ideias como respostas à crise ambiental.” *O Lórax*, como texto infantojuvenil, exemplifica o potencial da literatura para despertar a consciência ecológica. Ao longo desta análise, essas abordagens serão exploradas para evidenciar as relações entre homem e natureza, destacando escolhas e suas consequências.

2.2 BREVE INTRODUÇÃO À INTERSEMIÓTICA

A intersemiótica é a intersecção de dois ou mais sistemas semióticos em que juntos operam



para a construção de uma comunicação com significados mais complexos. Seus estudos partem das discussões de Roman Jakobson (1969) ao tratar de três tipos de tradução: intralingual (interpretações de uma língua para ela mesma); interlingual (interpretação de uma língua para outra diferente dela) e intersemiótica (interpretação de um sistema semiótico para outro). Júlio Plaza (2003), posteriormente, aprofunda estes estudos na sua obra *Tradução Intersemiótica*. Esse conceito explora a relação entre diferentes sistemas semióticos, como texto, imagem, música e som, que combinam signos para gerar significados complexos. Trata-se de um processo dinâmico de interação e tradução entre sistemas, ampliando a compreensão interpretativa de um enunciado específico. As diferentes linguagens existentes e a maneira como cada uma manifesta suas significações não são individualizadas, em algum momento haverá a tradução desses variados sistemas. Essa tradução que resulta na ressignificação de significados é o que podemos nomear de intersemiótica. Segundo Roman Jakobson:

O significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo 'no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo', como insistentemente afirmou Pierce, o mais profundo investigador da essência dos signos. (1969, p.64, grifos do autor)

A citação acima destaca que o signo não significa algo de maneira isolada, mas trabalha de maneira integrada com outros signos, ampliando, dessa forma, a mensagem. Na obra *O Lórax*, por exemplo, texto e imagem interagem para criar um sentido mais profundo. Roman Jakobson define a tradução intersemiótica ou “transmutação” como “a interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais” (apud Plaza, 2003, p. XI). Ou seja, trata-se da transposição de signos simbólicos para signos icônicos ou vice-versa, como ocorre em pinturas e outras formas de arte visual. Essa tradução permite a formação de novos significados e perspectivas interpretativas. Martinez (2008, p. 5) complementa essa ideia ao descrever a intersemiótica como um processo de transferência de um sistema semiótico para outro, garantindo efeitos sintáticos, semânticos e pragmáticos análogos. É como quando a palavra 'desolação' é acompanhada por uma imagem de árvores derrubadas, reforçando semântica e visualmente o impacto da destruição.

2.2.1 Fundamentos Semióticos

A semiótica, base teórica inicial da intersemiótica, investiga as linguagens possíveis e os modos de constituição de fenômenos significativos. Santaella (1983), inspirando-se em Peirce, explica que “o significado de um signo é outro signo”, seja ele uma imagem mental, uma palavra ou uma emoção. Esse processo contínuo de representação e interpretação fundamenta-se nas tricotomias peirceanas: ícone, índice e símbolo. De acordo com as tricotomias gerais de Pierce e retomadas por Santaella (1996), a relação do signo é dada da seguinte forma: Ícone- relação de semelhança/ quali-signo; Índice- relação de casualidade, / sin-signo (índice); Símbolo- relação por convenção/ legi-signo.



Na obra, destaca-se a relação entre signos icônicos (imagens e metáforas visuais) e signos simbólicos (palavras). Um exemplo claro é a utilização da metáfora “capim-cimento”, que está associada à vegetação resistente à sequeidão ocasionada pela degradação ambiental. Essa metáfora, reforçada pelas imagens, denuncia a deterioração do solo causada pela ganância humana, criando uma crítica ecológica mais profunda.

2.2.2 Relação Entre Palavras e Imagens

Imagens e palavras desempenham papéis complementares. Enquanto as imagens, como signos icônicos, descrevem e representam qualidades percebidas, as palavras, como signos simbólicos, narram e abstraem conceitos. Segundo Nikolajeva e Scott (2011, p. 14) “as figuras nos livros ilustrados são signos icônicos complexos, e as palavras, signos convencionais complexos”. Essa complementaridade é essencial em obras como *O Lórax*, onde texto e imagem colaboram para preencher lacunas interpretativas.

Santaella (1983 p. 65) observa que “uma imagem é um hipoícone porque a qualidade de sua aparência é semelhante ao do objeto que representa”. Assim, em *O Lórax*, as imagens das árvores cortadas (ícones) remetem à degradação ambiental (índice) e, por extensão, à ganância humana (símbolo). Essa interação torna a crítica ambiental mais acessível e impactante. Além disso, segundo Nikolaveja e Scott (2011, p. 85) “as imagens ainda são mais eficazes e eficientes na apresentação espaço, pois enquanto as palavras são capazes apenas de descrevê-lo, as imagens podem mostrá-lo.” No entanto, ainda que a linguagem verbal seja considerada por muitos como a “suprema”, não há superioridade, ambas possuem sua importância de acordo com suas especificidades. As autoras afirmam que:

Embora os textos verbais e icônicos possam nem sempre parecer harmoniosos, se o tema último do livro é a quebra do convencional e o apoio de uma perspectiva imaginativa, eles então operam juntos rumo a um fim comum. (Nikolaveja e Scott, 2011, p. 42).

No caso da obra, esse rumo comum seria a ampliação de uma análise crítica presente a cada instante em seus textos. A interação verbal-visual do livro é praticamente simétrica, seguindo o pensamento de Nikolaveja e Scott (2011), por exemplo. O texto visual corresponde ao texto verbal dando ainda mais detalhes que esclarecem os versos. Sendo assim, não há uma relação de autossuficiência de nenhuma das partes, uma vez que, para a construção do sentido, é necessário a junção das duas. Essa relação contínua de complemento é dada, pois “as ilustrações na verdade não fazem contraponto às palavras, mas sim as expandem [...] ou reforçam [...] e elaboram” (Nikolaveja e Scott, 2011, p. 34). Dessa forma, temos uma relação denominada por Santaella e Noth (2012, p. 57-58, grifos nosso) como uma relação de referências indexicais uma vez que temos dois sistemas semióticos relacionando-se entre si e apontando para um mesmo objeto. Na maior parte da obra temos



a imagem como um indício do texto, uma vez que ela o completa.

3 DISCUTINDO *O LÓRAX*: UMA ABORDAGEM ECOCRÍTICA

3.1 ERUMAVEZ E A EXPLORAÇÃO AMBIENTAL (GANÂNCIA, DOMINAÇÃO E PERDIÇÃO)

Negócios são negócios! E todo negócio tem que dar certo mesmo que haja barrigas vazias por perto. (Seuss, 2017, p. 41).

Diante do contexto atual, em que a preocupação com os desastres ecológicos é constante, a literatura também assume um papel fundamental na construção de uma consciência ambiental. Nela, autores criticam ações humanas para promover reflexões urgentes sobre a preservação ambiental. Garrard afirma que:

Os ecocríticos podem não estar habilitados a contribuir para debates sobre 8problemas de ecologia, porém, mesmo assim, devem transgredir os limites disciplinares e desenvolver, tanto quanto possível, sua própria ‘capacitação ecológica’. (Garrard, 2006, p. 16, grifo do autor).

Esse limite disciplinar na obra é ultrapassado, e a capacitação ecológica foi fomentada como veremos ao decorrer da análise. No livro *O Lórax*, as ilustrações revelam como atitudes gananciosas e imprudentes podem levar à devastação da natureza. Entre os elementos centrais dessa narrativa, destaca-se o personagem Erumavez, cuja trajetória simboliza o impacto humano no meio ambiente.

O nome Erumavez carrega um simbolismo que remete à conhecida expressão "Era uma vez", geralmente associada aos contos de fadas. Contudo, nesta narrativa, a frase é ressignificada: em vez de anunciar o início de uma história encantada, sinaliza o início de uma destruição ambiental. O personagem encarna o comportamento ganancioso e egoísta do ser humano, ilustrando como o domínio sobre a natureza frequentemente resulta em exploração e perda. Essa crítica, associada à noção de “era uma vez”, sugere que, antes da chegada do homem, a natureza existia em perfeita harmonia, sendo a intervenção humana a causa do desequilíbrio.

Erumavez é apresentado como um explorador em busca de território para atender aos seus interesses mercantis. Ao chegar à região das Trifulárvore, (árvores apresentadas ficcionalmente pelo autor) ele instala-se rapidamente e inicia a exploração:

Senti um magnífico estalo de alegria em meu coração. Eu sabia exatamente o que fazer! Parei minha carroça e joguei tudo no chão. Em pouco tempo, abri uma pequena loja. E com uma machadada só derrubei uma Trifulárvore. (Seuss, 2017, p. 21-22).

Sua fala reflete a rapidez com que sua ganância transforma o ambiente. O progresso inicial dá lugar à degradação: suas fábricas poluem os rios, os animais são forçados a emigrar, e as cores vibrantes da paisagem cedem espaço a tons cinzentos e melancólicos.

Nesse contexto, a carroça de Erumavez assume um papel crucial na narrativa. Mais do que um



meio de transporte, ela simboliza o ponto inicial da destruição, carregando as ferramentas que possibilitam a devastação. A carroça torna-se um reflexo dos instrumentos que, ao longo da história, têm sido utilizados pelo ser humano para explorar a natureza em nome do progresso. As grandes máquinas agrícolas são um exemplo.

Este ponto da análise dialoga com a obra *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson (2010), considerada o marco fundador do ambientalismo moderno. Carson denuncia o uso de pesticidas que devastavam não apenas o meio ambiente, mas também a saúde de todos que eram afetados por elas. Da mesma forma, o autor denuncia em sua obra a devastação das madeiras ocasionada pela exploração das madeireiras de sua época. Desse modo, a carroça do Erumavez representa as ferramentas que possibilitam tais práticas destrutivas. Assim como as máquinas foram aliadas ao declínio (humano e natural) durante a Revolução Industrial, por exemplo, os instrumentos do Erumavez se tornaram signos que representam a ganância humana que transforma o meio ambiente em simples objeto de consumo.

Ao analisarmos a presença da carroça, podemos ver como ela simboliza o ponto inicial da exploração da natureza. Ela é a chave para a transformação daquele ambiente vibrante em um lugar devastado pela fumaça das fábricas e pela falta de respeito pelos recursos naturais. O personagem de Erumavez, como todos os agentes de exploração desenfreada, usa essas ferramentas de maneira egoísta sem se importar com as violentas consequências.

Ao observarmos a cena em que o Erumavez descarrega as ferramentas da carroça, percebemos que ele já possuía um plano arquitetado antes mesmo de chegar ao local. Esse detalhe reforça que o problema não está na busca por progresso, mas na forma avarenta como ele é conduzido, resultando em prejuízos irreversíveis. Nesse ponto, a narrativa reforça o tropo da poluição em que, conforme Merchant “A natureza foi reconstituída como morta e passiva, a ser dominada e controlada pelos seres humanos” (apud Garrard, 2006, p. 21).

Como consequência, todas as Trifulárvore são derrubadas, e o personagem se vê obrigado a buscar novos recursos em outros lugares, mas sem sucesso. Suas fábricas, agora vazias, simbolizam o que resta após o esgotamento ambiental causado pela exploração desenfreada: solidão, miséria e poluição.

Erumavez representa não apenas o homem comum, mas também grandes corporações e indústrias que mascaram seus interesses sob a bandeira da sustentabilidade. Sua trajetória é um alerta para os impactos devastadores da ganância humana.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) no ano de 2020, a Floresta Amazônica perdeu cerca de 10.851 km² devido ao desmatamento exacerbado. De acordo com a *greenpeace* (2023), o desmatamento é causado devido a atividades ilegais, como a exploração dos recursos naturais e grande apropriação indevida de terras públicas. Essa destruição reflete um padrão exploratório semelhante ao denunciado na obra. Tais abordagens literárias promovem reflexões



urgentes sobre a necessidade de mudança, estimulando uma consciência ecológica que desafia práticas destrutivas e promove alternativas sustentáveis para o futuro.

3.2 A INTERFERÊNCIA HUMANA NA NATUREZA: DA PASTORAL AO DECLÍNIO

Naquela época, o capim ainda era verde, no lago ainda havia muita água, no céu ainda se viam nuvens claras. (Seuss, 2017, p. 16).

O livro se inicia pelo cenário de destruição, apresentando um cenário com um contexto caótico: nuvens de fumaça, plantas sem vida, pássaros com semblantes tristes, ruínas e uma criança. Nesse ambiente, surge o capim-cimento, uma planta resistente que sobrevive até em ambientes hostis e secos. A metáfora do capim-cimento, aliada à sua representação visual, com características secas e cor preta, simboliza que até mesmo as formas mais resilientes da natureza já estavam sucumbindo. Além do capim, há mais três elementos que chamam atenção: o logradouro do Lórax, um pássaro triste e sem penas, e um cacto. Todos compartilham uma cor em comum: roxo. Embora a cor roxa seja tradicionalmente associada à magia, neste contexto, ela carrega um significado de melancolia, abandono e desgaste. Os elementos destacados por essa cor são antigos, representando algo que um dia foi belo, mas que agora se encontra em declínio. O local onde estava escrito logradouro, que significa um local de descanso e paz, se transformou em um local de desolação. O pássaro, que antes cantava alegre, agora reflete desespero. E o cacto, a única forma de vida capaz de resistir ao local, traz consigo a resistência das criaturas que conseguem suportar o ambiente árido.

Ao chegar à casa do Erumavez, agora uma ruína da antiga fábrica, uma criança busca entender o que aconteceu. Nesse ambiente se encontra o personagem, que, com um sentimento de saudade, começa a contar sua história:

“[...] já faz muito tempo... Tanto tempo que nem sei se lembro. Naquela época, o capim ainda era verde, no lago ainda havia muita água, no céu ainda se viam nuvens claras” (Seuss, 2017, p. 14-16).

Esse sentimento de melancolia do Erumavez entre o passado (idílico, onde tudo era perfeito) e o presente (caótico) é definido na pastoral clássica (Garrard, 2006, p. 60) como elegia, pois, apresenta “o olhar para um passado desaparecido, com um sentimento de saudade.” Sobre isso, baseado nas concepções de Raymond Williams, Garrard (2006, p. 59, grifos do autor) afirma:

Uma das principais percepções de Williams é que a pastoral sempre se caracterizou pela nostalgia, de modo que, onde quer que examinemos sua história, encontramos uma ‘escada rolante’ que nos faz recuar mais e mais para um passado melhor.

Dessa forma, Erumavez começa a narrar à criança como era o lugar antes de sua intervenção. Inicia-se, então, a história da criação, algo que remete à Gênesis bíblica: “No princípio, criou Deus os



céus e as terras.” (Bíblia Online, 2024, p. 1). O livro descreve uma natureza perfeita, vibrante e pura. A harmonia entre os animais, as flores exuberantes e as árvores de Trúfulas, que cresciam livremente, é um reflexo de um ambiente saudável. As cores usadas pelo autor contribuem para essa representação da natureza ideal: o verde traz a sensação de vitalidade, o vermelho de calor e alegria e o roxo evoca a beleza mágica, mas também a fragilidade do ambiente. O céu limpo, retratado em linhas-contorno grandes e brancas, simboliza a pureza do ar, e as águas azuis transmitem tranquilidade. Todos esses elementos visuais contribuem para a imagem de um mundo intacto.

Quanto aos animais, como os CisneSopranos, NozEsquilUrsos e Baritoneixes, suas interações pacíficas entre si e com a natureza refletem a harmonia existente. As seguintes exemplificações ilustram essa convivência equilibrada:

Figura 1: Sintonia entre os animais na fase da Pastoral.



Fonte: (Seuss, 2017, p. 18).

Relacionada à imagem temos a descrição: “Logo em seguida, avistei os NozEsquilUrsos dando cambalhotas, em dupla ou em grupos, debaixo das árvores de Trúfula, à sombra, comendo saborosas Frúfulas.” (Seuss, 2017, p. 18).

A interpretação desse verso, acompanhada pela imagem dos animais comendo as frutas das árvores, sugere uma relação de equilíbrio e respeito pela natureza, sem excessos. Eles pegam o que precisam, vivendo em harmonia com seu ambiente. Perceba como as expressões dos personagens revelam esta satisfação bucólica.

No entanto, a chegada de Erumavez e sua exploração desenfreada da natureza marcam o início do desequilíbrio. À medida que as fábricas avançam e as indústrias se expandem, a natureza começa a sofrer. O céu, antes azul, transforma-se em cinza, uma cor que simboliza melancolia e tristeza. As

nuvens, que antes eram brancas e puras, agora se tornam cinzentas, resultado da poluição. Os CisneSopranos, que antes cantavam, já não conseguiam produzir notas devido à poluição, e as árvores foram derrubadas, forçando os NozEsquilUrsos a migrar. O lago, antes azul, torna-se verde-musgo devido à poluição das fábricas. A fauna local é afetada, e os Baritoneixes, que dependiam da água para sobreviver, agora buscam abrigo em outros lugares. Nesse cenário, o Lórax oferece uma crítica contundente à destruição da natureza:

– E TEM MAIS... Muito obrigado por levar minhas árvores ao chão, quase não há mais Frútuas por aí, só devastação. E meus pobres NozEsquilUrsos estão sem comida, fraquinhos, desanimados, sem nada na barriga! (Seuss, 2017, p. 39).

A destruição das árvores por Erumavez e sua falta de replantio refletem a devastação irreversível que o uso irresponsável dos recursos naturais pode causar. Toda essa degradação faz lembrar o que disse Garrard (2006, p. 17):

[...] a poluição” é um problema ecológico, porque não designa uma substância ou uma classe de substâncias, mas representa uma afirmação normativa implícita de que há um excesso de alguma coisa presente no ambiente, em geral no lugar errado.

Essa poluição, descrita pelo teórico, inicia na mente humana, logo após, é transferida para o meio ambiente destruindo milhares de vidas inocentes e indefesas. Antes da poluição dar início, a mente do homem já estava no lugar errado.

O desmatamento e a exploração sem reposição comprometem o meio ambiente e ameaçam a sobrevivência das espécies. Esse impacto é uma realidade crescente, como aponta o relatório Planeta Vivo de 2022, que revela uma queda de 69% nas populações de animais vertebrados, resultado principalmente do desmatamento e das mudanças no uso do solo.

O texto bíblico de Romanos 8:22, que afirma: “Toda a criação geme e sofre dores de parto” (Bíblia Online, Romanos 8:22), parece refletir o sofrimento da natureza diante da causa humana. A obra de Dr. Seuss, ao ilustrar o impacto devastador da ganância de Erumavez, nos faz perceber que o ser humano não apenas destrói o meio ambiente, mas a si mesmo.

Depois de consumir os recursos naturais e acumular riquezas, Erumavez se vê sem nada. As árvores que ele derrubou, aquelas que sustentavam sua indústria, não existem mais e ele se vê derrotado. A lição do livro é clara: a ganância conduz à destruição e o ser humano, ao destruir o ambiente, acaba por se autossabotar.

3.3 A REPRESENTAÇÃO DO LÓRAX: UM ESPELHO DOS DEFENSORES DA CAUSA AMBIENTAL

O Lórax é descrito como um ser baixinho, idoso, mas com um discurso firme e decidido. Ele



emerge pela primeira vez após o corte da primeira árvore, surgindo em resposta a essa ação inicial de devastação. A todo momento, o Lórax tenta convencer o Erumavez a abandonar sua ganância e parar de prejudicar o ambiente. Além de aconselhar, ele defende os direitos dos outros seres, das árvores e de todo o espaço em que habita. Para o Lórax, as atitudes do Erumavez são inaceitáveis, pois ele se coloca como a voz daqueles que, embora sofram diretamente os impactos, não têm voz própria para contestar. Ele diz:

– Eu sou o Lórax, aquele que fala pelas árvores, essas que você derruba tão rápido quanto pode. Mas também sou responsável pelos NozEsquilUrsos que brincam à sombra das árvores, comendo Frútulas, e por lá viviam alegres e seguros [...] – eles amavam viver aqui. Mas não pude deixá-los ficar. Eles vão atrás de comida. Espero que consigam achar. Boa sorte, rapazes!
– gritou o Lórax, ao acenar. (Seuss, 2017, p. 39-40).

Além dos significados derivados de seu cuidado com os demais, a caracterização do Lórax como “velhinho”, é rica em significados e sugere que essa não é a primeira vez que ele surge para proteger a natureza; ele aparece somente quando a situação atinge um estado crítico e o ambiente “clama” por socorro. Nesta análise, o Lórax representa aqueles que se engajam na defesa do meio ambiente — sejam ecologistas, ativistas ou autores e pesquisadores ecocríticos. Assim como esses protetores na “vida real”, ele luta para conscientizar a humanidade, alertando sobre os impactos que as ações humanas podem gerar. Embora possa representar a própria consciência humana, essa possibilidade é ignorada pelo Erumavez, que se mantém cego pela arrogância e prepotência. A descrença e o descaso do Erumavez refletem o orgulho humano, que, frequentemente, ignora alertas em nome da avareza, culminando, assim, em um colapso ecológico. Por este motivo, Garrard (2006, p. 14) afirma que a ecocrítica “é uma modalidade de análise confessadamente política”, pois tem em vista que não é um texto objetivado a apenas divertir o leitor, mas de desenvolver um posicionamento crítico diante de tal situação.

O Lórax, embora determinado, não possui poderes mágicos para impedir o antagonista. Sua única arma é a voz — um recurso que, infelizmente, não se mostra suficiente. Ele grita, alerta, descreve os impactos devastadores, mas nada muda. No final, é forçado a partir. Ao longo de sua luta, seu semblante — representado visualmente com expressões tristes e desapontadas — reflete o fardo de ver o ambiente se deteriorar por conta das ações egoístas de outros. No início de sua intervenção, o cenário ao redor ainda é vibrante: o céu é azul, o mar está limpo, e as árvores prosperam. No entanto, à medida que suas palavras são ignoradas, o ambiente torna-se hostil. As imagens, antes repletas de cores quentes e vibrantes, gradualmente assumem tons frios e melancólicos, simbolizando tanto a poluição física quanto o peso emocional daquela destruição.

A experiência do Lórax ecoa a de muitos que, por mais que defendam o meio ambiente em diferentes formas de expressão, ainda não conseguem ser ouvidos. No final, ao não ver possibilidade



de mudança, o Lórax se despede, mas deixa uma semente: a última da árvore de trúfulas. Ele sugere que, se um dia alguém plantar essa semente e cuidar dela com atenção, poderá retornar. Esse gesto final aponta para uma esperança final — uma possibilidade de renascimento do equilíbrio ecológico, caso alguém assuma a responsabilidade de lutar pelo que é certo. É significativo que o livro leve o título “O Lórax”, pois ele é central para um futuro consciente, com a função de promover essa reflexão e despertar a responsabilidade ambiental.

3.4 PRODUÇÃO E CONSUMISMO EXACERBADO: AS NÃOCESSIDADES

Na obra, as “Nãoecessidades” são descritas como “uma coisa-fútil-de-muita-utilidade” (Seuss, 2017, p. 28), um produto cujo propósito é essencialmente vazio, representando a produção desenfreada e sem valor intrínseco, movida unicamente pelo desejo compulsivo de consumir. A metáfora das “Nãoecessidades” serve como uma crítica à produção de bens supérfluos, evidenciando o impacto ambiental e social de uma cultura consumista que prioriza o consumo incessante e que negligencia os princípios da sustentabilidade.

Com a inauguração de sua fábrica, o Erumavez se empenha na produção dessa mercadoria, sacrificando sem hesitação a matéria-prima fundamental para seu funcionamento: as árvores de trúfulas. Apesar dos alertas de Lórax, o qual afirmava que ninguém compraria aquele produto sem utilidade, o Erumavez estava convencido do contrário — e logo foi provado correto. Em pouco tempo, a mercadoria se expandiu, gerando milhares de entregas, conforme ilustrado nas imagens do livro, que mostram as “Nãoecessidades” sendo distribuídas para os quatro cantos do mundo: Norte, Sul, Leste e Oeste.

A propaganda desempenha papel crucial nessa expansão. O carro de entrega do Erumavez exibe, de forma explícita, a frase: “Você precisa!”, acompanhada da imagem do produto “Nãoecessidades”. Isso reflete como o marketing reforça um desejo artificial, onde a compra se torna um objetivo em si. A narrativa e as imagens ilustram essa obsessão por lucro:

Aumentei também a produção e, assim, expandi a fábrica. Comecei a exportar de lá de baixo do Sul até o Leste, e também lá para cima pro Norte e assim pro Oeste! Fui com tudo... vendendo cada vez mais e mais. Assim fiquei mais rico, o que não é querer demais. (Seuss, 2017, p. 43).

Aqui, observa-se que o Erumavez não se encontrava em situação de necessidade que justificasse seu esforço desmedido por lucro. Ao contrário, o desejo de aumento constante de demanda o consumia e o dominava, obscurecendo sua percepção dos danos causados. Seus clientes, por sua vez, também se viam tomados pelo desejo de consumir, sem uma necessidade clara — consumiam apenas para ostentar. Como na imagem da página 30, onde um homem exibe o produto na cabeça, enfatizando que a utilidade da mercadoria era irrelevante; o consumo era um fim em si mesmo.



Assim, o Erumavez expandiu seu negócio de forma desordenada, sem se preocupar com os prejuízos que causavam tanto à natureza quanto a si próprio. As metáforas visuais e textuais reforçam a crítica do autor ao consumismo desenfreado e à produção irresponsável, que ignoram os limites do meio ambiente. Esses produtos refletem uma realidade na qual mercadorias são frequentemente adquiridas sem utilidade real, impulsionadas unicamente pelo desejo de consumir.

Além disso, a ganância do Erumavez espelha o comportamento de grandes corporações que, ao buscar incessantemente atrair consumidores, exploram os recursos naturais sem considerar a ética exigida. Ignoram os conselhos de figuras "sábias" como o Lórax, em prol do lucro. O final trágico do Erumavez reflete a possibilidade de um fim similar para a humanidade, caso essa postura não seja modificada. Em última análise, a história aponta para um desastre ecológico iminente, um alerta de que, se desgastamos os bens provindos da natureza de forma insensata, nossa própria sobrevivência estará em risco. Essa última tentativa nos faz recordar o tropo apocalipse abordado por Garrard (2006). O nome Apocalipse surge em referência ao último livro da Bíblia Sagrada, onde é constantemente associado às profecias escatológicas. No entanto, diferentemente dela, as profecias não são imutáveis: surge como uma forma de promover uma educação ambiental, uma vez que, somente após uma mudança radical de atitude, a situação poderá ser revertida.

3.5 UMA NOVA ESPERANÇA

De maneira geral, a obra aborda o desenvolvimento e o paralelismo entre dois âmbitos entrelaçados pela ecocrítica: natureza e cultura. O autor expõe a ganância humana em um contexto marcado pela industrialização e revela as consequências de suas ações para a natureza e para a própria humanidade. Com suas ilustrações vívidas e coloridas, e textos em rima que rompem com a poesia convencional, o autor dá vida a seres irreais que transmitem valiosas lições.

No fim da obra, resta apenas uma última semente da árvore chamada "trúfula", entregue a um pequeno cidadão. A ele cabe a decisão sobre o que fazer com ela, lembrando-se de que "só replantando, o Lórax retornará" (Seuss, 2017, p. 65). Dessa forma, a narrativa termina com uma afirmativa de que o "pequeno cidadão" tem a última chance de mudança, a esperança de que a natureza volte a reviver e brilhar:

Está em suas mãos tomar essa iniciativa por mais Trufulárvores; delas todo mundo precisa! Plante uma nova árvore de Trúfulas. Trate-a com cuidado. Regue com água limpa e mantenha o ar-purificado. Cultive uma floresta e a mantenha segura. Só assim o Lórax voltará. Ele e toda sua turma. (Seuss, 2017, p. 65).

A semente nas mãos de uma criança simboliza a esperança em meio a um mundo caótico, refletindo sua pureza e ausência de malícia e ganância, características que já se infiltraram no ser adulto. Aqui, entra novamente o tropo apocalíptico (Garrard, 2006), no qual, embora o mundo esteja



em ruínas, persiste uma última esperança. Essa esperança está depositada nas mãos da geração futura, que, ao tomar conhecimento de como seus antepassados trataram o meio natural, terá a oportunidade de se posicionar e agir de maneira diferente, em prol de mudanças necessárias.

4 DISCUTINDO *O LÓRAX*: UMA ABORDAGEM INTERSEMIÓTICA

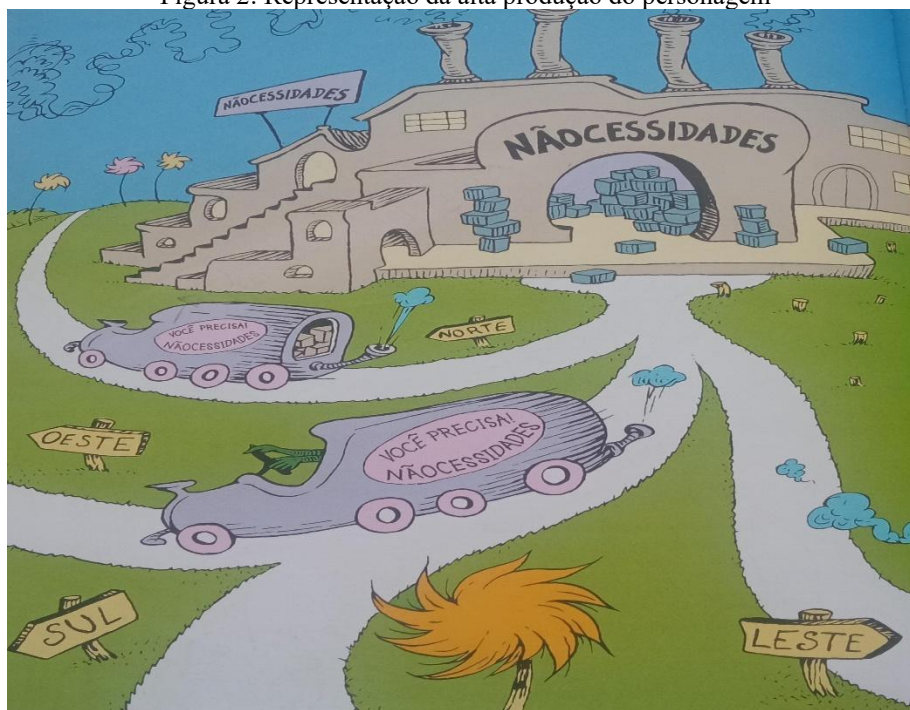
4.1 INTERPRETAÇÕES INTERSEMIÓTICAS: METÁFORAS VISUAIS E TEXTUAIS NA PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS COMPLEXOS

As metáforas desempenham um papel essencial na construção de significados complexos. Como expressão simbólica, elas criam uma linguagem rica em sentidos indiretos, indo além do literal. Em *O Lórax*, Dr. Seuss utiliza metáforas tanto textuais quanto visuais para criticar, de maneira dinâmica e impactante, as atitudes humanas em relação à natureza.

A interação entre texto e imagem na obra evidencia a relevância da abordagem intersemiótica. Por exemplo, nos versos que descrevem a produção excessiva do Erumavez, o texto verbal enfatiza a obsessão pelo lucro, enquanto as imagens, ao apresentar carros de propaganda e setas direcionais sugerindo movimento frenético, intensificam a crítica ao impacto ambiental. Essa combinação permite uma análise mais profunda e multifacetada. Considere os versos e imagem a seguir:

Eu não quis prejudicar ninguém. Não mesmo, longe de mim. Mas eu tinha que fazer dar certo. Senão era o meu fim! Então aumentei a frota e criei mais estradas. Aumentei também a produção e, assim, expandi a fábrica. Comecei a exportar de lá de baixo do sul até o leste, e também lá para cima pro norte e assim pro oeste! Fui com tudo... vendendo cada vez mais e mais. Assim fiquei mais rico, o que nunca é querer demais. (Seuss, 2017, p. 43)

Figura 2: Representação da alta produção do personagem



Fonte: (Seuss, 2017, p. 42).

Ao observar a imagem e versos correspondentes, é possível perceber como os elementos visuais (como placas de direção, cores e detalhes dinâmicos que sugerem movimento) corroboram a narrativa textual. Essa convergência cria uma interpretação ecocrítica de um personagem cornucopiano. Garrard (2006) define os cornucopianos como indivíduos que demonstram pouca consideração pelo ambiente natural, focando apenas no bem-estar humano. Esse conceito é fundamental para compreender a mentalidade do personagem Erumavez, que, em busca de lucro, desconsidera as consequências ambientais de suas ações. Essa busca incessante do personagem em abranger seu negócio é muito bem representada tanto nas imagens (especialmente nos movimentos dinâmicos que demonstram agitação), quanto em todos os versos apresentados anteriormente.

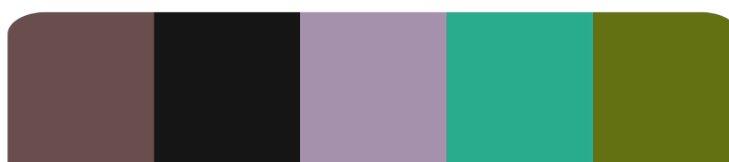
Em continuidade, Plaza (2003) ressalta que a limitação de uma obra a apenas um sistema semiótico pode levar à perda de significados profundos. Essa ideia se reflete na harmonia entre os sistemas na obra: os versos que retratam a alegria dos animais na fase pastoril se complementam com as cores vibrantes, que destacam a harmonia da natureza antes da chegada do humano. Por outro lado, as cores frias e melancólicas transmitem o sentimento de decadência ambiental. Além disso, as expressões faciais dos personagens e as formas dinâmicas (efeitos que sugerem movimento) reforçam essas características visuais e emocionais. Vejamos o exemplo:

Figura 3: paleta de cores da obra em diferentes momentos (Pastoral e poluição).

Paleta de cores da natureza antes do declínio:



Paleta de cores da natureza após o declínio:



Fonte: (A autora).

A influência das cores na crítica ambiental é notável: ao empregar tons vivos, o autor representa um ambiente harmônico e feliz; ao usar cores sombrias, como cinza e fumacento, em um céu anteriormente azul, promove sensações de insatisfação e sensibilização no leitor. Esse contraste visual é persuasivo, pois desperta no leitor reações emocionais que incentivam a reflexão crítica. No *Lórax*, as cores não apenas reforçam a narrativa verbal, mas também geram uma conexão imediata com o leitor, aproximando a obra da realidade contemporânea. Embora o livro seja ficcional, ele reflete



situações que já vivenciamos em nosso mundo, como a poluição e a degradação ambiental.

Ao relacionar cores com o ambiente, o autor intensifica o impacto ecocrítico da obra, levando o leitor a refletir sobre sua própria relação com a natureza. Esse efeito não se limita às palavras, mas é ampliado pelas imagens, que despertam no leitor um desejo de mudança. Assim, o autor cumpre com êxito o papel ecocrítico de sua mensagem, utilizando as linguagens verbal e visual de forma integrada para sensibilizar e provocar a ação.

Além das cores e formas, as diferentes fontes tipográficas utilizadas em alguns momentos intensificam a mensagem. Por exemplo, na página 53 d’*O Lórax*, o autor utiliza a palavra crescimento 3 vezes; em cada uma, ele aumenta o dobro da fonte da palavra anterior (c, c, c), dessa forma, ele incorpora na própria palavra a crítica fomentada: o crescimento exacerbado do negócio do personagem Erumavez de maneira ilegal, uma vez que acontecia em decorrência à exploração indevida do ambiente natural. Além das variações tipográficas, ainda na página 53 temos o seguinte verso: “[...] chega desse blá-blá-blá, de dizer que sou VILÃO, VILÃO, VILÃO, VILÃO!” (Seuss, 2017, p.53). Perceba que a repetição da palavra Vilão em sua forma maiúscula enfatiza a expressão e a mensagem do texto. O personagem mostra sua indignação por ser posto como antagonista, já que seu único objetivo aparente era o aumento de capital. Esse pensamento enfatiza a forma como o ser humano ainda é inconsciente de seus próprios feitos, mesmo que estejam claras as suas consequências.

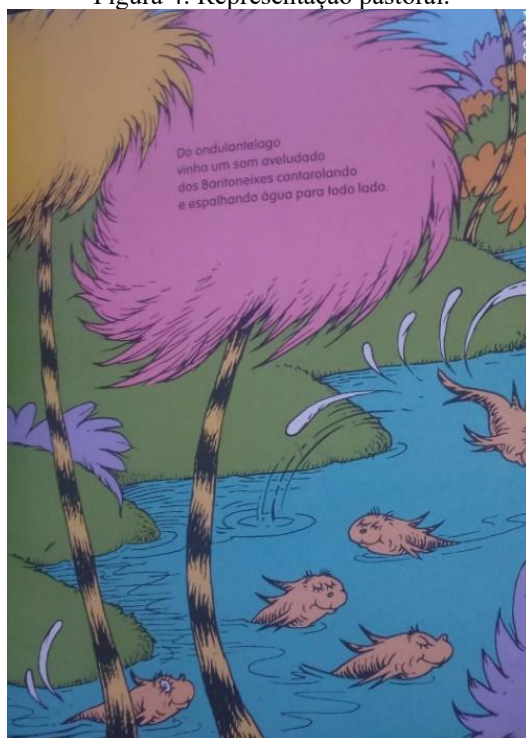
Outros detalhes fundamentais à análise são os cenários da obra. De acordo com Nikolajeva e Scott (2011, p. 92):

O cenário pode criar um clima especial em uma história. Por exemplo, o sentimento de nostalgia inspirado pela descrição da zona rural idílica e as implicações ideológicas que o contraste entre ambiente rural e urbano em um livro podem ter.

Este exemplo é pertinente para evidenciar a relação da ecocrítica com a intersemiótica através do cenário da obra. Através dele, o autor remete à tradição pastoril, presente na ecocrítica, uma vez que desperta a saudade do personagem de um lugar que era perfeito, idealizado através de suas imagens e textos. Ao passo que também representa o declínio que, evidenciando um lugar transformado após o desenvolvimento próspero da indústria do personagem Erumavez. Veja os exemplos na obra:



Figura 4: Representação pastoral.



Fonte: (Seuss, 2017, p. 19).

Figura 5: Representação de poluição.



Fonte: (Seuss, 2017, p. 51).

No primeiro exemplo, o cenário vibrante evoca sentimentos de satisfação e contentamento. No segundo, a desolação do ambiente degradado desperta reflexões críticas sobre as ações humanas. Essas emoções são essenciais para a construção da narrativa ecocrítica e ilustram como o cenário enriquece a análise intersemiótica. Em sintonia com os sentimentos, estão as feições dos animais. Percebemos

como na figura 4 eles festejam sua calmaria e seus semblantes são de alegria e tranquilidade. Já na figura 5, almejam retirar-se o mais depressa possível daquele local sujo, contaminado e inabitável, mas que antes era o seu lar. Essas mudanças visuais remetem à pastoral clássica, que, conforme destaca Garrard (2006), frequentemente idealiza o passado como um período de harmonia e plenitude, em contraste com o presente, marcado pela alienação e degradação ambiental. Essa dualidade é ilustrada tanto pelas imagens quanto pelos textos na obra, que evidenciam a transformação drástica do ambiente e suas consequências para os animais e o equilíbrio ecológico.

Assim, *O Lórax* demonstra que texto e imagem, quando integrados, não são elementos aleatórios, mas partes de uma mensagem coesa e crítica. A abordagem intersemiótica permite interpretar a obra como um todo, revelando a complexidade das questões ambientais discutidas. Palavras e imagens, em harmonia, aprofundam os significados da obra e destacam sua riqueza interpretativa.

Em suma, a relação entre texto e imagem não tem apenas a missão de tornar as interpretações da obra mais complexas; vai mais além: a intersecção desses sistemas semióticos traz valor emocional para quem tem acesso a uma leitura intersemiótica do livro. Ao estabelecer conexões entre as diferentes linguagens, que fomentam, sim, significados mais amplos, os signos passam a representar não somente o tangível, mas também o abstrato. Eles causam efeitos na psique que instigam o leitor a tomar partido sobre a crítica ambiental e a refletir acerca do assunto, colocando-se como ser representado.

Sabemos que, segundo Leahy (2018), cada pensamento gera um sentimento e cada sentimento, uma ação. Pensando nisso, ao afirmar que a obra induz sensações, subentende-se que estas se transformarão em sentimentos e, posteriormente, em um posicionamento. Dessa forma, a análise torna-se catalisadora, uma vez que, em sua retórica persuasiva, o leitor será instigado a agir a favor da causa defendida. No nosso caso, a favor da construção de uma posição ecocrítica.

Por esse motivo, obras como esta, que por serem destinadas a um público infantojuvenil, tendem a serem desvalorizadas por críticos e leitores adultos em sua capacidade ecocrítica, passam a ter maior relevância. Ela se mostra capaz de transcender as expectativas comuns acerca de si mesma, transformando-se em um agente na construção de uma consciência ecológica. A partir de então, a obra torna-se efetivamente ecocrítica, uma vez que esse é o papel de um ecocrítico, como citou Garrard (2006). São essas novas formas de analisar e de amadurecer as interpretações intersemióticas em obras ilustradas, como o *Lórax*, que reforçam o pensamento de Plaza (2003), citado anteriormente, sobre a falha de analisar uma obra tão rica em sistemas semióticos apenas por um viés, que tende a ser o verbal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa conclui que a ecocrítica não apenas reconhece a literatura como um agente transformador, mas também nos instiga a agir ativamente na preservação do meio ambiente. Frente às



crises ambientais sem precedentes, obras como *O Lórax* se destacam ao promover reflexões sobre nossas ações e responsabilidades planetárias. A partir de uma leitura do texto literário pelo viés da ecocrítica, é possível estabelecer novos diálogos com a natureza, buscando caminhos mais sustentáveis e conscientes.

Embora escrita na década de 1970, *O Lórax* antecipou questões ambientais que permanecem urgentes, como mudanças climáticas, desmatamento e queimadas. A narrativa denuncia os impactos da exploração humana inconsequente, ressaltando a necessidade de mudanças comportamentais para mitigar tais danos. Ao trazer essas questões por meio de uma obra infantojuvenil, esta pesquisa desmistifica a ideia de que apenas obras destinadas ao público adulto possuem relevância para o movimento ecocrítico.

A intersemiótica também desempenhou um papel fundamental nesta análise, ao revelar como a interação entre imagens e texto contribui para significados mais complexos. Essa abordagem ampliou as possibilidades interpretativas de *O Lórax*, destacando aspectos que não seriam perceptíveis se os elementos fossem analisados de forma isolada. Por exemplo, a análise das ilustrações trouxe à tona nuances visuais que reforçam o discurso ecológico, enriquecendo ainda mais a interpretação.

Ao integrar intersemiótica e ecocrítica, esta pesquisa se diferencia por oferecer uma análise mais robusta e inovadora, pois apesar de já existirem estudos relacionados ao livro, poucos exploraram a interseção entre essas abordagens. Assim, *O Lórax* se mostra uma obra rica em possibilidades críticas, especialmente por sua natureza híbrida, que combina texto verbal e imagens de forma intrínseca. A análise aqui apresentada sugere que, ao privilegiar essa integração, a literatura infantojuvenil pode ser uma ferramenta poderosa na sensibilização ambiental.

Por fim, espera-se que esta pesquisa inspire futuros estudos a integrarem diferentes sistemas semióticos, promovendo análises mais amplas e aprofundadas. Além disso, vislumbra-se a utilização de *O Lórax* como recurso educacional, a fim de incentivar o desenvolvimento da consciência ambiental desde a infância. A contribuição deste trabalho reside em demonstrar que a união entre ecocrítica e intersemiótica amplia as perspectivas interpretativas e reafirma o papel transformador da literatura no debate ambiental contemporâneo.



REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Tradução da Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=b%3%adblia+online>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- BÍBLIA ONLINE. Gênesis 1. Almeida Corrigida e Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- BLUESTONE, G. Novels into film. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University, 2003.
- CARSON, Rachel. Primavera silenciosa. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Gaia, 2010.
- GARRARD, Greg. Ecocrítica. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
- GIFFORD, Terry. A ecocrítica na mira da crítica atual. Terceira Margem, Rio de Janeiro, n. 20, p. 244-226, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11049/8065>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- GREENPEACE BRASIL. Desmatamento na Amazônia: as consequências e os desafios. Greenpeace, 2024. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/desmatamento-na-amazonia/>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: _____. Linguística e comunicação. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.
- INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). A taxa consolidada de desmatamento por corte raso para os nove estados da Amazônia Legal em 2020 foi de 10.851 km². In: INPE, 2024. Disponível em: http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5811. Acesso em: 27 nov. 2024.
- LEAHY, Robert L. Evocação dos pensamentos. In: _____. Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta [recurso eletrônico]. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Irismar Reis de Oliveira. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. p. 15-49.
- MARTÍNEZ, Jesús Octavio Elizondo (comp.). Intersemiótica: la circulación del significado. Asociación Mexicana de Estudios de Semiótica Visual y del Espacio (AMESVE); Universidad Iberoamericana. México: AMESVE, 2008.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro ilustrado: palavra e imagem. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL (OMM). 2023 quebra recordes climáticos com grandes impactos. In: UNRIC, 2023. Disponível em: <https://unric.org/pt/omm-2023-quebra-recordes-climaticos-com-grandes-impactos/>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- PET ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL. Impactos ambientais causados pela mineração. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2024. Disponível em: <https://www.petesa.eng.ufba.br/blog/impactos-ambientais-causados-pela-mineracao>. Acesso em: 27 nov. 2024.



PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. 1. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. Imagem: comunicação, semiótica e mídia. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SEUSS, Dr. O Lórax. Tradução de Bruna Beber. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WWF. Relatório Planeta Vivo 2022: Construindo uma sociedade positiva para a natureza. In. WWF, 2022. Disponível em: <https://www.wwf.org.br>. Acesso em: 27 nov. 2024.

